

---

## **A BUSCA PELAS PALAVRAS**

---

### **E ATOS DE JESUS:**

---

### **O JESUS SEMINAR**

---

---

LUIGI SCHIAVO

Resumo: *no contexto da terceira onda de pesquisa do Jesus Histórico, o Jesus Seminar é um movimento de pesquisadores do Novo Testamento, surgido nos anos 80 nos Estados Unidos, com o objetivo de avaliar o grau de autenticidade dos ditos e atos do Jesus Histórico e, ultimamente, da tradição de Jesus. No presente estudo apresentaremos o método, as principais conclusões e algumas questões críticas relacionadas ao Jesus Seminar.*

Palavras-chave: *Jesus Histórico, Movimento de Jesus, literatura, sociedade, história*

## DO JESUS DA FÉ AO JESUS REAL

A pesquisa sobre o Jesus Histórico, a partir de Reimarus, no séc. XVIII, se desenvolveu, até os nossos dias, em três ondas, preocupadas em reconstruir os fatos históricos e a pessoa humana de Jesus, que ficavam como que escondidos atrás das afirmações dogmáticas e de fé das Igrejas. Tal busca é fruto de uma mentalidade racionalística, que acreditava, em nome da razão, poder reconstruir a verdade histórica relacionada a Jesus. Ela foi marcada por vários momentos e etapas, como a descoberta da estratificação e fragmentação dos textos bíblicos, sua consequente classificação, a inserção de Jesus no contexto histórico-sociocultural do judaísmo do I séc., e a referência a outras fontes canônicas, apócrifas e pseudepigráficas que lançavam novas luzes sobre a complexidade da religião e da sociedade judaica do tempo de Jesus (SCHIAVO, 2006).

Sendo os olhos e os enfoques do pesquisador bem diferentes dos olhos dos crentes e das Igrejas, são possíveis várias abordagens a Jesus, resumíveis a quatro (SCHIAVO, 2006):

- o Jesus real: é o homem Jesus de Nazaré, o Jesus da história, que viveu na Galiléia na primeira metade do I séc. Pelo que podemos reconstruir, era filho de José o carpinteiro e de Maria, e tinha provavelmente outros irmãos chamados Tiago, José, Simão e Judas (Mt 13,55). Deve ter sido discípulo de João Batista e, depois da morte dele, atuou três anos como *rabi*, sendo condenado e crucificado, talvez na Páscoa do ano 30. Se de um lado conhecemos bem os dados relativos ao final de sua vida, sua infância e juventude são envolvidas no mistério, e as narrativas de que dispomos não passam de relatos míticos. Não temos fontes diretas sobre o Jesus real, mas só memórias literárias, sujeitas às limitações próprias destes documentos.
- O Jesus histórico: é a reconstrução da figura de Jesus a partir dos dados a nossa disposição, vindo de várias fontes: a literatura bíblica e extra-bíblica do I séc.; a arqueologia; a sociologia; a historiografia, etc. Este trabalho, servindo-se de vários métodos científicos, busca reconstruir e entender o contexto histórico, sociológico e religioso do tempo de Jesus, tentando entender e imaginar o impacto de sua pessoa e mensagem dentro deste mesmo contexto. Parte-se do pressuposto que Jesus deve ser lido dentro do contexto galiléico de sua época. Não sabemos se o Jesus histórico corresponda ao Jesus real: com certeza se aproxima bastante a ele.
- O Jesus teológico: é o Jesus das afirmações dogmáticas da Igreja, sobretudo dos primeiros quatro concílios que definiram os elementos fundamentais da cristologia, diante da fragmentação e do pluralismo das definições e dos movimentos religiosos: Nicéia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431), Calcedônia (451). É o Jesus da fé, diferente do Jesus real, mesmo que tenha elementos do Jesus histórico, e que será a base da unidade da fé das Igrejas que a ele se referem.
- O Jesus da fé: é o Jesus crido, na resposta de fé do fiel que encontra o Jesus da história. É o Jesus considerado o Filho de Deus, o Senhor da história, o Salvador, o Messias, etc. Neste nível, o Jesus real, como ele era, o contexto em que vivia, o que realmente disse e fez, tem menor importância. Vale o Jesus imaginado, representado, sonhado, na maioria das vezes relacionado com os próprios

desejos e necessidades. É um Jesus que já se transformou num verdadeiro símbolo, mas que tem o poder de orientar a vida e se tornar a referência ética fundamental de grupos e pessoas.

Neste nosso estudo, enfocaremos a pesquisa desenvolvida pelo *Jesus Seminar*, que tem como objetivo “o Jesus real”, a delimitação das palavras por ele realmente pronunciadas e a reconstrução das ações por ele realizadas. Ela se insere no contexto mais amplo da “terceira onda” (*Third Quest*) do Jesus Histórico que lê o Jesus Histórico a partir do princípio de continuidade com o judaísmo do tempo. A leitura comparada dos textos cristãos mais antigos com os textos judaicos canônicos e apócrifos do mesmo período permite a reconstrução de elementos e da matriz comuns entre o judaísmo e o cristianismo primitivo, no que chamamos critério de continuidade ou de plausibilidade histórica. As pesquisas sobre Jesus, muito numerosas nos últimos anos, enfocam aspectos e temas diferentes: o Jesus mestre de sabedoria (Crossan, Mack, Vaage); o Jesus profeta do cumprimento das expectativas dos últimos tempos (Sanders, Meyer); surgiram, também, vários estudos sobre o contexto histórico-social da Palestina do I séc. d.C. – a Galiléia (Vermes, Freyne); a guerra judaica (Horsley); o movimento de Jesus (Theissen); as influências helênicas no movimento de Jesus (Vermes e Morton Smith) etc.

### O *JESUS SEMINAR*

- O *Jesus Seminar*, objeto deste nosso artigo, é um projeto de pesquisa patrocinado pelo Westar Institute, um instituto sem fins lucrativos, sustentado por seus membros, e cuja finalidade é a pesquisa aplicada à literatura religiosa, seja bíblica seja teológica<sup>1</sup>. O Instituto não depende de nenhuma Igreja, nem se refere a nenhum específico ponto de vista teológico. Tem uma revista, a *The Fourth R* (assim chamada pelas iniciais das quatro seguintes palavras: *reading, 'riting and 'rithmetic religion*), onde, desde 1987, divulga para o grande público escritos e pesquisas sobre religião em linguagem popular, desenvolvidas nos seus projetos.
- O *Jesus Seminar* reúne mais ou menos 200 pesquisadores, especialistas em grego bíblico, e se propõe, através da investigação histórica, determinar o que Jesus, como figura histórica, pode ter dito e feito. O Seminar

foi fundado em março de 1985, em Berkeley, Califórnia, por Robert Funk, professor da Universidade de Montana, e compreendia inicialmente trinta estudiosos, aos quais se agregaram posteriormente outros profissionais, chamados *Fellows*. Nas palavras de convocação, Funk definia quais eram os objetivos do *Seminar*:

*Nós estamos entrando numa importante empreitada. Vamos procurar simplesmente e rigorosamente a voz de Jesus, o que ele realmente disse. Neste processo, iremos formular uma questão que chega aos limites do sagrado, ou também da blasfêmia, para muitos em nossa sociedade. Como consequência, o caminho que seguiremos poderá trazer riscos. Poderemos provocar hostilidades. Mas, vamos começar, apesar dos perigos, porque somos profissionais e porque a questão de Jesus deve ser encarada, da mesma forma que o monte Everest por um grupo de escaladores<sup>2</sup>.*

- O *Jesus Seminar* se propunha reler os quatro evangelhos e o Evangelho de Tomé, considerado tão antigo e importante quanto os canônicos e com mais material autêntico que João, buscando o grau de probabilidade das sentenças de Jesus, definido pelo consenso dos estudiosos. Seu objetivo era reconstruir a vida do Jesus Histórico, chegando a definir quem Jesus era, o que fez, o que disse, e o que suas palavras significaram. A reconstrução disso se baseava na antropologia social, na história e na análise textual dos textos.
- O movimento do *Jesus Seminar* se explica como o resultado da reação da academia científica diante das posições dogmáticas das Igrejas, que, sobretudo nos Estados Unidos, criaram um clima de inquisição, que fez com que os estudiosos ficassem retraídos e como que encurralados. O novo fermento intelectual surgido no pós-guerra, contagiou também a pesquisa bíblica, que aos poucos foi ganhando espaços e disciplinas nas universidades americanas, forçando a linha mais tradicional em seus próprios seminários e faculdades. Isso permitiu um fantástico crescimento dos estudos bíblicos, naquela que é conhecida como a “terceira onda” do Jesus Histórico (*Third Quest*).

### O MÉTODO DO *JESUS SEMINAR*

Para reconstruir o contexto e a história da sociedade palestina do I séc. d.C., o *Jesus Seminar* servia-se da antropologia trans-cultural, e para

enfocar a pessoa de Jesus, assim como transparecia dos textos antigos, usava a análise textual. Distinguiu entre fontes primárias, fontes secundárias e evidências arqueológicas. O grupo procurava e analisava também as tradições sobre Jesus dos primeiros quatro séculos, a partir dos critérios de múltipla atestação, originalidade e oralidade

Assumiram sete pilares da moderna pesquisa crítica de Jesus, desenvolvidos desde o XVIII séc.:

- distinção entre o Jesus Histórico e o Cristo da Fé (Reimarus e Strauss);
- reconhecimento da maior confiabilidade histórica dos três evangelhos sinóticos a respeito de João (tradição alemã do XIX séc.);
- prioridade de Marcos diante de Mateus e Lucas (tradição de 1900);
- existência do documento da Fonte Q (tradição de 1900);
- rejeição do Jesus escatológico (apocalíptico) (1970-1980);
- distinção entre cultura oral e escrita;
- consideração que os evangelhos têm conteúdo histórico.

A questão da exclusão da visão apocalíptica e escatológica de Jesus, assumida como um dos pressupostos do *Jesus Seminar*, ganhou espaço nos anos 1970-1980, quando a pesquisa sobre Jesus deixou o ambiente religioso para o acadêmico. Consideravam-se os elementos apocalípticos próprios de João Batista e da comunidade cristã das origens. Esta escolha levou, porém, à definição de um Jesus mais ligados aos círculos da sabedoria do que da escatologia.

O primeiro passo metodológico do *Jesus Seminar*, foi a tradução dos Evangelhos no inglês americano, naquela que é conhecida como Scholars Version, que se caracterizava por preferir frases da língua corrente parecidas com o estilo do autor ou às suas palavras literais. As versões de referência da Bíblia eram a King James Version, a Revised Standard Version e o Novum Testamentum Graece. Procurava-se ouvir a mensagem assim como podia ressoar nos ouvidos de um ouvinte do I séc., por isso estavam preocupados em preservar a voz própria de cada autor.

A metodologia para se chegarem a definir o grau de autenticidade dos textos bíblicos era a seguinte: em preparação ao fórum dos pesquisadores, um grupo de estudiosos escolhia um texto e preparava sua edição crítica a partir do Greek New Testament, com suas variantes no rodapé.

Por votação, escolhia-se também a tradução mais oportuna do texto. Em seguida, enviava-se o *paper* aos estudiosos do *Jesus Seminar*, para sua própria apreciação, estudo e aprofundamento pessoal.

Os foruns do *Jesus Seminar* aconteciam duas vezes ao ano: neste ambiente, os estudiosos debatiam os textos e chegavam à definição, através de uma ou mais votações, de seu grau de autenticidade. A participação dos estudiosos nos dois debates anuais era de extrema importância, porque o consenso se criava através da discussão. A votação acontecia através da escolha de bolinhas de cores diferentes, a segunda do grau de autenticidade das palavras ou atos de Jesus. Foram selecionadas quatro cores: vermelho, para o que Jesus realmente disse; rosa, próximo ao que ele disse; cinza, para o que ele não disse nesta forma, mas estava parecido com seu ensinamento; preto, para o que não era dele. O consenso era definido pela porcentagem da pontuação, e não pela simples maioria: desta forma, se acreditava que refletisse melhor as opiniões de todos na decisão. A votação não determinava a verdade: indicava somente a orientação dos estudiosos em relação ao que era proposto. Desta forma, o *Jesus Seminar*, após acurada análise das evidências, declarava ou não um específico dito ou ato como trazendo a voz ou a ação do Jesus histórico.

## OS RESULTADOS DO *JESUS SEMINAR*

O *Jesus Seminar* produziu duas obras, uma relacionada aos ditos de Jesus, outra aos atos de Jesus.

### Os Ditos de Jesus

Os ditos de Jesus que o Seminar conseguiu analisar entre os anos 1985-1991 foram mais ou menos 150. As conclusões sobre os ditos considerados autênticos pelo Seminário estão no livro *The Five Gospels: What Did Jesus Really Say?* (MACMILLAN, 1993). Este livro tinha como finalidade atualizar os estudos de 200 anos sobre o Jesus Histórico e divulgá-los para o grande público.

Os pesquisadores tinham como referência alguns critérios de autenticidade:

- a oralidade: tratava-se de descobrir a tradição oral dentro da redação escrita, por exemplo, na sentença de Jesus: “oferece a outra face” (Lc 6,29);
- a ironia: “amai vossos inimigos” (Mt 5,43);
- a confiança em Deus: “não tenham medo” (Mt 6,31);
- a múltipla atestação: quando a mesma frase aparece em outros textos, como, por exemplo: “feliz os pobres”, que se encontra em Mt (5,3), Lc (6,20) e Tomé (20,54).

Mas, há também os critérios de não-autenticidade:

- a auto-referência, por exemplo, a frase de Jesus: “eu sou o caminho a verdade e a vida” (Jo 14,6);
- o material de costura, usado como introdução ou explicação;
- as questões comunitárias: quando o texto se refere à comunidade dos primeiros seguidores, como, por exemplo, na instrução dos missionários, ou nas questões relativas ao poder (Mt 16,17-19; Pedro a “pedra” sobre a qual Jesus constrói sua igreja);
- nas visões teológicas em que se revela a teologia do redator, como no julgamento final de Mt 25,31-46, sobre a profecia que envolve ovelhas e cabritos.

Segundo a determinação do *Jesus Seminar*, os ditos autênticos de Jesus são os seguintes<sup>3</sup>:

- Oferecer a outra face (92%): Mt 5,39; Lc 6,29a.
- Túnica e veste: Mt 5,40 (92%); Lc 6,29b (90%).
- Felizes os pobres: Lc 6,20b (91%); ET<sup>4</sup> 54 (90%); Mt 5,3 (63%).
- Duas milhas (90%): Mt 5,41.
- Amar os inimigos: Lc 6,27b (84%); Mt 5,44b (77%); Lc 6,32,35a (56%).
- Fermento: Lc 13:20–21 (83%); Mt 13:33 (83%); ET 96:1–2 (65%).
- Imperador e Deus (82%): ET100:2b–3; Mc 12:17b; Lc 20:25b; Mt. 22:21c (também Evangelho Egerton 3,1-6).
- Dar e pedir (81%): Lc 6:30a; Mt 5,42a; Didaqué1,5a.
- Bom samaritano (81%): Lc10,30–35.
- Bem-aventurados os que têm fome: Lc 6:21a (79%); Mt 5,6 (59%); ET 69:2 (53%).

- Bem-aventurados os tristes: Lk 6,21b (79%); Mt 5,4 (73%).
- O administrador infiel (77%): Lc16,1–8a.
- Os trabalhadores na vinha (77%): Mt 20,1–15.
- Abba, Pai (77%): Mt 6,9b; Lc11,2c.
- A semente de mostarda : ET 20,2–4 (76%); Mc 4:30–32 (74%); Lc 13:18–19 (69%), Mt 13:31–32 (67%).

Os ditos com alguma probabilidade de serem autênticos, assim como foi decidido pelo Seminário, são os seguintes (os primeiros 15 de 75):

- Sobre a ansiedade, não se preocupar (75%): ET 36; Lc 12,22–23; Mt 6,25.
- A moeda perdida (75%): Lc 15,8–9.
- As raposas têm tocas: Lc 9,58 (74%); Mt 8,20 (74%); ET 86 (67%).
- Nenhum respeito em casa: ET 31,1 (74%); Lc 4,24 (71%); Jo 4,44 (67%); Mt1 3:57 (60%); Mc 6,4 (58%).
- O amigo à meia-noite (72%): Lc 11,5–8.
- Dois mestres : Lc 16,13a; Mt 6:24a (72%); ET 47,2 (65%).
- O tesouro: Mt 13,44 (71%); ET 109 (54%).
- A ovelha perdida: Lc 15,4–6 (70%); Mt 18,12–13 (67%); ET 107 (48%).
- O que entra: Mc 7,14–15 (70%); ET 14:5 (67%); Mt1 5,10-11 (63%).
- O juiz iníquo (70%): Lc 18,2–5.
- O filho pródigo (70%): Lc 15,11–32.
- Deixar os mortos: Mt 8:22 (70%); Lc 9,59–60 (69%).
- Eunucos para o céu: (70%) Mt 19,12a.
- Pelos seus frutos (69%): Mt 7,16b; ET 45,1a; Lc, 44b (56%).
- O banquete, a festa de casamento: ET 64,1–11 (69%); Lc 14,16-23 (56%); Mt 22:2-13 (26%).

A conclusão do Seminário foi que somente 18% dos ditos de Jesus podem ser realmente atribuídos a ele (vermelho ou rosa). No caso do Evangelho de João, quase todas as passagens atribuídas a Jesus foram consideradas não-autênticas. Quanto ao Evangelho de Tomé, apenas dois ditos foram pelo Seminar atribuídos a Jesus: o pote vazio (97) e o assassinato (98). Mas pode haver outros ditos autênticos paralelos aos sinóticos. Mesmo assim, é bom lembrar que o voto não determi-

na a verdade: somente indica o parecer dos estudiosos quanto à possibilidade da sentença trazer a voz histórica de Jesus.

### Os Atos de Jesus

As conclusões sobre os Atos reconduzíveis ao Jesus histórico, estão reunidas no livro publicado pelo *Jesus Seminar: The Acts of Jesus: The Search for the Authentic Deeds of Jesus* (POLEBRIDGE, 1998). O trabalho queria descobrir nos evangelhos, os rastros do homem por detrás do mito. E a figura que emergiu foi bastante diferente da imagem apresentada pelo Cristianismo tradicional.

Os atos de Jesus foram avaliados na 2ª fase do Seminários, entre os anos 1991 e 1996, num total de 387 relatos de 176 eventos, na maior parte dos quais o protagonista principal é Jesus. Deles, somente 10 receberam a cor vermelha, sendo, portanto, considerados tendo uma alta probabilidade de autenticidade. Dezenove receberam a cor rosa, indicando que o evento provavelmente ocorreu. Somando vermelho e rosa, chega-se a 29, que significa 16% do total (176): de pouco inferior à porcentagem dos ditos de Jesus (18%).

Os dez atos de Jesus considerados autênticos pelo Seminário (cor vermelha), são os seguintes:

- a controvérsia de Beelzebul: Lc 11,15-17;
- a voz no deserto (João Batista): Mc 1,1-8; Mt 3,1-12; Lc 3,21-22; Evangelho dos Ebionitas 4;
- João batiza Jesus: Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21-22; Ev. Ebionitas 4;
- Jesus proclama a “boa-nova”: Mc 1,14-15;
- jantando com os pecadores: Mc 2,15-17; Mt 9,10-13; Ev. Oxyrinco 1224 5,1-2;
- Herodes corta a cabeça de João: Mc 6,14-29; Mt 14,1-12; Lc 9,7-9;
- crucificação: o núcleo do evento é considerado autênticos, mesmo que os relatos dos evangelhos sejam considerado improváveis ou fictícios (cor preta);
- a morte de Jesus: o núcleo do evento é considerado autênticos, mesmo que os relatos dos evangelhos sejam considerado improváveis ou fictícios (cor preta);
- a primeira lista de aparições: Jesus aparece a Cefa: 1Cor 15,3-5;
- nascimento de Jesus: partes de Mt 1,18-25 e Lc 2,1-7.

Além disso, mesmo não podendo ser catalogado como um dito ou ato de Jesus, foi considerado autêntico (cor vermelha) o sumário que relembra a companhia de mulheres que seguiam Jesus: Lc 8,1-3.

Os 19 atos “rosa” (próximos ao que Jesus fez) são os seguintes:

- a sogra de Pedro: Mc 1,29-31; Mt 8,14-15; Lc 4,42-44;
- a lepra: Mc 1,40-45; Mt 8,1-4; Lc 5,12-16; Ev. Egerton 2,1-4;
- o paralítico e os quatro homens: Mc 2,1-12; Mt 9,1-8; Lc 5,17-26;
- chamado de Levi: Mc 2,13-14; Mt 9,9; Lc 5,27-28; Ev. Ebionitas 2,4;
- observância do sábado: Mc 2,23-28; Mt 12,1-8; Lc 6,1-5;
- os parentes de Jesus vêm a ele: Mc 3,20-21;
- verdadeiros parentes: Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; ET 99,1-3;
- a mulher com hemorragia: Mc 5,24-34; Mt 9,20-22; Lc 8,42-48;
- escândalo em Nazaré: Mc 6,1-6; Mt 13,54-58;
- comendo com mãos impuras: Mc 7,1-13; Mt 15,1-9;
- pedido por um sinal: Lc 11,29-30;
- o cego de Betsaida: Mc 8,22-26;
- o cego Bartimeu: Mc 10,46-52; Lc 18,35-43;
- o incidente ao templo (expulsão dos vendedores): Mc 11,15-19; Mt 21,12-17; Lc 19,45-48;
- o imperador e Deus: Mc 12,13-17; Mt 22,15-22; Lc 20,19-26; ET 100,1-4; Ev. Egerton 3,1-6;
- a prisão: o núcleo do evento não é lembrado em detalhes;
- diante do sumo sacerdote: o núcleo do evento não é lembrado em detalhes;
- diante do sinédrio: o núcleo do evento não é lembrado em detalhes;
- diante de Pilatos: o núcleo do evento não é lembrado em detalhes.

Juntando os ditos e os atos de Jesus, as conclusões do Seminar em relação a Jesus de Nazaré foram as seguintes:

- Jesus de Nazaré nasceu no reinado de Herodes o Grande;
- sua mãe se chamava Maria e ele teve um pai humano, cujo nome pode não ter sido José;
- Jesus nasceu em Nazaré, não em Belém;
- Jesus foi um sábio itinerante cuja atuação foi no meio dos marginalizados;

- Jesus praticou curas sem fazer uso da medicina ou magia tradicionais, aliviando sofrimentos por nós hoje definidos como psicossomáticos;
- Ele não andou em cima das águas, não alimentou a multidão com pães e peixes, não transformou a água em vinho, nem ressuscitou Lázaro da morte;
- Jesus foi preso em Jerusalém e crucificado pelos romanos;
- ele foi executado como um perturbador da ordem pública e não pela pretensão de ser o Filho de Deus;
- o túmulo vazio é uma ficção: Jesus não ressurgiu corporalmente da morte;
- a crença na ressurreição se baseia na experiência visionária de Paulo, Pedro e Maria.

O retrato de Jesus que aparece na reconstrução do *Jesus Seminar* é de um mestre sábio itinerante, não preocupado em fundar uma nova religião, mas dedicado à pregação e à interpretação de questões relativas à lei e a problemas cotidianos do povo. Anunciou a vinda do Reino de Deus, cuja expectativa já era presente na sociedade judaica do I séc. Falou de Deus na imagem de um pai amoroso, confraternizou com marginalizados e os adversários. Partindo da premissa que Jesus não teria nada a ver com a apocalíptica, o Seminário chegou à conclusão que ele seria um mestre sábio preocupado com o melhoramento e a transformação da vida e da realidade, mais do que um profeta escatológico-apocalíptico, anunciando o fim do mundo.

#### A NOVA FASE DO *JESUS SEMINAR*: O ESTUDO DA COMUNIDADE CRISTÁ DAS ORIGENS

Os ditos e os atos de Jesus analisados pelo *Jesus Seminar* representaram a base para as pesquisas individuais dos estudiosos sobre o Jesus Histórico. A partir de 2006, começou a terceira fase do *Jesus Seminar*, finalizada ao estudo da tradição de Jesus, a partir do movimento galiléico de Jesus. O projeto do Westar Institute voltado para isso foi chamado: *Jesus Seminar on Christian Origins*. O mesmo método usado em relação à busca de autenticidade dos ditos e atos do Jesus histórico, é agora usado para estudar o desenvolvimento da história da comunidade cristã e de seus escritos. Nesta fase, textos e tradições como a Fonte Q, os Evangelhos de Tomé e Marcos são lidos dentro do espe-

cífico contexto cultural da Galiléia do I século. Entre os vários pesquisadores desta área, merecem ser lembrados James M. Robinson, organizador da *The Nag Hammadi Library in English*, e o Prof. Moti Aviam, por seu trabalho arqueológico na Galiléia.

Paralelo a este, o Westar Institute patrocina outro Projeto: o Seminar on the Acts, iniciado em 1999 e cuja finalidade é a avaliação da autenticidade dos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos, procurando definir o grau de autenticidade dos dados relativos às origens da comunidade cristã de Jerusalém.

Por fim, há outro Projeto em andamento: o Literacy and Liturgy Seminar, que serve como ponte entre os trabalhos do *Jesus Seminar* e a fé das Comunidades.

## REPERCUSSÃO DO *JESUS SEMINAR* NO BRASIL

Do grupo dos estudiosos, os mais conhecidos pelo grande público no Brasil são John Dominic Crossan e Burton Mack. Outros, entre eles: Leif E. Vaage, John S. Kloppenborg e James M. Robinson, são nome familiares sobretudo às academias.

- John Dominic Crossan está sendo bastante traduzido no Brasil, mas sua obra mais importante permanece: *O Jesus Histórico. A vida de um Camponês Judeu no Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994<sup>5</sup>. No prólogo deste seu livro, define a metodologia de trabalho para a reconstrução do Jesus Histórico, articulando três níveis: o antropológico-social, o histórico e o literário. O primeiro problema, para ele, é literário: o discernimento da tradição que se refere ao Jesus Histórico, sua recepção na vida das comunitárias posteriores e sua evolução na linha teológico-doutrinária. A questão, afirma Crossan, é “como fazer para pesquisar essas camadas sedimentadas a fim de descobrir o que Jesus realmente fez e disse, e, mais importante, como fazer isso com alguma integridade acadêmica e validade metodológica” (1994, 30). Encontramos aqui a mesma problemática do *Jesus Seminar*. Por isso, Crossan, desenvolve seu método de pesquisa da tradição de Jesus: o inventário, com a listagem das fontes intra ou extracanônicas usadas, e contextualizadas historicamente e literariamente. O segundo estágio é o da estratificação: a colocação de cada fonte numa sequência histórica

(anos: 30-60; 60-80; 80-120; 120-150). O 3º estágio é o do testemunho: trata-se da análise da recorrência de cada texto nas várias fontes e na tradição de Jesus. Por fim, deve-se fazer a leitura dos dados do inventário a partir da sequência dos estratos, e dando maior ênfase aos estratos mais antigos, por estar mais próximos cronologicamente do Jesus real; e a análise da hierarquia dos testemunhos: quem tiver maior números de testemunho e nos estratos mais antigos, merece maior atenção; por fim, pode-se chegar a uma classificação da singularidade de cada texto. Para o método adotado pelo Crossan, o maior número de testemunhos e a colocação no 1º estrato, o mais antigo, são os sinais do grau de credibilidade de um texto. Em seu trabalho, nosso autor conseguiu analisar 522 textos, dos quais, 180 têm mais de um testemunho e 342 só têm um único testemunho (1994, 32). Interessante é que Crossan chega a considerar como fonte primária, do 1º estrato (30-60 d.C.), entre outros textos, sobretudo o Evangelho de Tomé e a Fonte Q. Trata-se de dois documentos importantes, que trazem quase que exclusivamente ditos e sentenças de Jesus e não narrativas de milagres e nem os relatos da paixão, morte e ressurreição de Jesus. O destaque dado a fontes com tais características contribuirá não pouco na identificação de Jesus como mestre de sabedoria.

Não há dúvidas de que a obra de Crossan represente um marco no estudo do Jesus Histórico. Pela metodicidade, seriedade e objetividade científica. Acima disso, nos parece que o grande mérito dele foi a magistral reconstrução do contexto sócio-cultural do mundo Mediterrâneo e da Galiléia em especial: a delicada questão da Paz Romana, o sistema de apadrinhamento (tão presente também na América Latina), a situação de turbulência social na Palestina da primeira metade do I séc. d.C., as expectativas escatológicas centradas na categoria religiosa “o Reino de Deus”, os temas da comensalidade, e da sabedoria, etc.

- Burton Mack é conhecido no Brasil por sua obra *O Evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs* (1994). Neste livro, apresenta a Fonte Q, que ele considera de extrema importância na definição do Jesus Histórico e na reconstrução do rosto do primeiro movimento de Jesus. Ele afirma:

*Uma leitura atenta de Q nos permite lançar luz sobre aqueles primeiros seguidores de Jesus. Podemos vê-los na estrada, no mercado, em suas casas.*

*Podemos ouvi-los conversando sobre a melhor conduta; podemos ter uma idéia do espírito do movimento e de suas atitudes perante o mundo. Uma noção de seus objetivos pode ser delineada a partir de suas sutis mudanças de comportamento em face a outros grupos, num período de cerca de duas ou três gerações de vigorosa experimentação social. É um vívido retrato. E está completo o bastante para reconstruir a história do que aconteceu entre o tempo de Jesus e a emergência dos evangelhos narrativos que mais tarde dariam à igreja cristã sua versão oficial dos primórdios do cristianismo (BURTON, 1994, p. 12).*

Mack é tão entusiasta disso que chega a considerar a descoberta de Q como o elemento que pode abalar “o retrato convencional das origens cristãs”. Para ele, a concepção clássica, de que Jesus é um messias judaico cujo objetivo é reformar o judaísmo, não se encontra em Q. Pelo contrário, ele afirma que os primeiros discípulos

*não encaravam Jesus como um messias nem como o Cristo. Não consideravam seus ensinamentos como acusação ao judaísmo. Não viam sua morte como evento divino, trágico ou redentor. E não imaginavam que ele teria ressuscitado dos mortos para governar um mundo transformado. Em vez disso, viam-no como mestre cujos ensinamentos tornaram possível viver com vigor em tempos turbulentos. Assim, não se reuniam para cultos em seu nome, não o veneravam como um deus. Nem cultivavam sua memória por meio de hinos, orações e rituais. Não formaram um culto do Cristo tal qual como o que emergiria entre as comunidades cristã conhecidas pelos leitores da epístolas de Paulo. O povo de Q era o povo de Jesus, e não o povo cristão (MACK, 1994, 12).*

O pressuposto do autor é que o livro de Q, considerado por ele um verdadeiro evangelho perdido, não traz o mesmo retrato do movimento de Jesus tal qual é fornecido mais tarde pelos evangelhos canônicos, responsáveis, segundo o autor, pela construção dos mitos cristãos (MACK, 1994, p. 18). Assim, ele conclui, Jesus “parecia muito mais a um mestre cínico do que a um cristo salvador ou messias com um programa para a reforma da sociedade e a religião judaica do segundo templo” (MACK, 1994, p. 235). A apropriação, pelos evangelhos narrativos de seu martirólogo, teria mudado drasticamente o curso da história, assim como o processo de construção de mitos, resultado

“de uma história sedimentada de alterações imaginárias de uma figura fundadora, e não de reminiscências históricas nem de reflexões sobre o modo pelo qual a vida espiritual era gerada pela crucificação” (MACK, 1994, p. 237). Considerar a origem do cristianismo a partir da elaboração mítica (evangelhos) significa, para Mack (1994, p. 244), colocar a religião cristã no mesmo patamar das demais, nivelando para baixo a “efetiva diferença que os cristãos esperavam que o cristianismo fizesse ao mundo”; significa a possibilidade de repensar e avaliar melhor as influências e as consequências da mitologia cristã a nível político e social, e seus efeitos nem sempre humanizadores, como a participação ao imperialismo colonial, à conquista do Oeste americano, às guerras contra os índios e ao tráfico de escravos. Outros vêem a influência cristã e de sua mitologia na política intervencionista americana, como na modelagem do herói nacional. Para outros, enfim, o mito da crucificação, acabou influenciando e, de certa forma, dando legitimidade religiosa a sacrifícios individuais e coletivos em troca da promessa da salvação e da manutenção do *status quo*. Para Marck, portanto, a importância da Fonte Q está no fato que ela leva à uma reflexão diferente sobre as origens do cristianismo e à uma maior compreensão das consequências sociais da mitologia cristã.

- J. Kloppenborg. O trabalho mais relevante de Kloppenborg foi a definição da estratificação da Fonte Q, um documento constituído em grande parte por sentenças de Jesus, com uma extensão de pelo menos 225 versículos, representando o material comum entre Mateus e Lucas, mas que, com certeza, deve ter sido bem mais ampla. O material narrativo é quase que inexistente: há três referências a milagres: a cura do servo do centurião (7,2-7), os sinais messiânicos (7,22), a expulsão do demônio mudo (11,14); falta toda narração da paixão/morte e ressurreição de Jesus. Q apresenta fortes semelhanças ao Evangelho de Tomé, que também é um conjunto de mais de 100 sentenças de Jesus, que revelam, só num terço delas, uma inspiração gnóstica. Crossan considera o Evangelho de Tomé como um dos primeiros documentos cristãos, afirmando existir nele material atribuível aos anos 50, composto provavelmente em Jerusalém sob a influência de Tiago; e material acrescentado posteriormente, talvez nos anos 60-70 sob a influência de Tomé. Para ele, a Fonte Q, composta talvez em Tiberíades, na Galiléia, nos anos 50,

“está calcada no mesmo mito em torno da Sabedoria proposto pelo Evangelho de Tomé” (KLOPPENBORG, 1989, p. 465-7).

Pela diversidade de ditos e gêneros literários, Kloppenborg propôs diferentes estágios em Q, três camadas, sinais de um processo redacional intenso<sup>6</sup>:

- a primeira camada, definida como Q1, considerada a mais antiga, seria uma coletânea de sentenças sapienciais, muito parecidas com a literatura cínica, cujo objetivo é apontar para certas normas éticas, provavelmente específicas e peculiares do nascente movimento de Jesus. Estas sentenças são semelhantes às do Evangelho de Tomé. Segundo Kloppenborg, o gênero literário de Q nesta primeira etapa, seria o da “instrução”, uma forma literária bastante conhecida na antigüidade, sobretudo no mundo helenístico. Não haveria neste estágio uma crítica social específica, direcionada a determinadas classes sociais e instituições culpadas pelos males da sociedade; mas somente a proposta aos indivíduos de um estilo de vida alternativo, contracorrente, à moda dos cínicos. Assim, encontramos aqui, muitos ditos sobre comportamento social, vestimenta, estilo retórico e modo de pensar que não deixam de ser, por si mesmos, uma rejeição da sociedade de então, e uma forma alternativa de resistência concreta à tendência de assimilação típica da cultura greco-romana;
- a segunda camada, Q2, motivada pela frustração das expectativas, introduz em Q o discurso “profético”, polêmico e desafiador: trata-se de uma série de sentenças proféticas, cuja unidade é o tema do juízo final. Nesse segundo estágio, as figuras de Jesus e de João Batista destacam como juízes que pronunciam seus julgamentos e anunciam o juízo final. Os fariseus, pelo contrário, são os vilões, com uma extensa lista de acusações. Tudo culminaria no anúncio apocalíptico do dia do Filho do Homem, cujas sentenças seriam definitivas no grande, definitivo julgamento;
- a terceira camada, Q3, recolhe uma pequena série de ditos de cunho mais apocalíptico, sendo considerada um acréscimo posterior, dos anos 80. Deste estágio faria parte, segundo Kloppenborg, a história da tentação de Jesus (Q 4,1-13). “Aqui terá começado a transformação da memória de Jesus na tradição sinótica em direção à biografia, uma mudança completada pelos evangelhos posteriores de Mateus e Lucas”.

O trabalho de Kloppenborg é magistral e merecedor do nosso respeito: representa um marco histórico nos estudos da Fonte Q.

- Leif Vaage é conhecido à academia brasileira com a qual ele debateu, através de artigos<sup>7</sup> e conferências, seus estudos sobre a Fonte Q. Sua especialidade é a sociologia do movimento de Q, trabalhada em sua tese de doutoramento: *The Ethos and Ethic of an Itinerant Intelligence* (1987) e nos livros *Galilean Upstarts: Jesus's Followers According to Q* e *Asceticism and the New Testament* (1999). Ele compartilha as teses de Kloppenborg, a quem se refere, em relação à estratificação da Fonte Q. A definição do Jesus como mestre cínico lhe permite reconstruir o movimento de Jesus como um movimento ascético e de cunho ético. A localização de uma famosa escola cínica na cidade de Gadara, a poucos km. a leste do Lago de Genezaré, teria oferecido as provas da relação estreita da Galiléia e seus movimentos “contraculturais”, entre os quais o movimento de Jesus, com a tradição cínica.
- Merece, enfim, toda nossa atenção uma obra que se tornou uma das referências mais importantes para os estudiosos do Jesus Histórico: a reconstrução do texto originário e a publicação da edição crítica da Fonte Q (ROBINSON; HOFFMANN; KLOPPENBORG, 2000), cuja realização se deve sobretudo ao *International Q Project*, da Sociedade de Literatura Bíblica, sob a direção de James M. Robinson, do Instituto de Antigüidade e Cristianismo, em Claremont. O texto, ainda não traduzido para o português, vem em formato sinótico, trazendo os paralelos, em grego, dos vários evangelhos sinóticos e do Evangelho de Tomé em copto, fato este que diz a orientação comum deste grupo de pesquisadores, de considerar Tomé ao par da Fonte Q. Na coluna central da edição crítica, bem evidenciado, está a reconstrução do possível texto originário de Q. Este mesmo texto é apresentado em várias traduções: grego, inglês, alemão e francês.

### ANÁLISE CRÍTICA DO *JESUS SEMINAR*

O *Jesus Seminar* recebeu várias críticas, que podem ser resumidas a estas: as premissas; a composição do grupo de pesquisadores; a popularização dos resultados das pesquisas; a metodologia.

- Quanto às premissas, vários estudiosos afirmam ter sido problemáti-

ca a exclusão, de antemão, da mensagem apocalíptica do ministério de Jesus. Esta talvez represente um dos maiores problemas do Seminar, pois as conclusões alcançadas, dependem em larga medida das premissas colocadas: corre-se, neste sentido, o perigo de que as conclusões representem abundantemente as premissas do grupo: é como encontrar um Jesus totalmente à própria medida. Vários pesquisadores (por. exemplo: John Dominic Crossan e Marcus Borg) reconhecem que suas conclusões eram, pelo menos em parte, pre-determinadas por suas posições teológicas. Também Luke Timothy Johnson da Candler School of Theology at Emory University, no seu *The Real Jesus* (1996), criticou os membros do Seminar porque suas conclusões já eram determinadas antes do tempo e afirma que tudo não passaria de uma farsa.

Alguns pesquisadores reafirmaram as teses de Albert Schweitzer de um Jesus escatológico, como Dale Allison, do Pittsburgh Theological Seminary, que publicou em 1999 um livro com o título: *Jesus of Nazareth: Millenarian Prophet*, onde declara claramente ter tido vários problemas com o trabalho de Funk e defende a imagem de Jesus como profeta apocalíptico.

- Quanto à composição do grupo de pesquisadores do *Jesus Seminar*, muitos não concordaram com a predominância da ala mais radical no grupo e outros, ficando preocupados com a propaganda de Funk que, segundo alguns, desacreditava a credibilidade do cristianismo, acabaram se afastando do Seminar, que acabou ficando somente com 74 membros. Entre eles, havia indiferentemente protestantes, católicos e ateus; professores universitários e de seminários, religiosos e não. Dos 74, só três eram mulheres e dois judeus.
- Quanto à finalidade de popularizar a pesquisa sobre Jesus, se de um lado ela é louvável, do outro pode diminuiu o valor do esforço dos pesquisadores. Neste sentido, muitos criticaram a tentativa de ganhar a atenção da mídia, de maneira especial o canal televisivo “2000 ABC News”, com seu programa “The Search for Jesus” do apresentador Peter Jennings.
- Uma interessante crítica à metodologia do Seminar e à busca pelo Jesus Histórico é levantada por Dunn (2005), que chama a atenção sobre o impacto que Jesus teria havido em seus seguidores. As muitas tentativas de voltar ao Jesus histórico, sempre tiveram como ponto

de partida o estudioso, que voltava para trás, no tempo, e sua pesquisa dependia das lentes de sua própria cultura. Mas, o importante é chegar ao que Dunn chama de *Jesus Remembered*, o Jesus lembrado, o Jesus da cultura oral dos seus seguidores, e ao impacto e às consequências criadas por Jesus nas pessoas e na sociedade de então. A impressão de Jesus, afirma Dunn, não foi ainda suficientemente estudada, nem reconstruída. Por isso, ao lado do paradigma literário, ele sugere procurar o paradigma oral na transmissão da tradição de Jesus.

- É de se lembrar que em certos ambientes conservadores e radicais, o trabalho e as conclusões do *Jesus Seminar* foram totalmente rejeitadas por seu criticismo destrutivo, comparável, nestes ambientes, a um instrumento de Satanás, cujo único objetivo é a vontade de minar as crenças bíblicas.
- Quanto ao Brasil e à América Latina, o *Jesus Seminar* teve grande repercussão e influência nos estudos bíblicos. Devemos, em primeiro lugar, reconhecer o grande valor destas contribuições: desde o rigor metodológico até o monumental esforço de reconstrução das fontes. Todos nós somos gratos ao Seminar, porque nossas pesquisas se baseiam em suas conclusões.

Temos, porém, de reconhecer nossa resistência sobretudo com a premissa do *Jesus Seminar*, de excluir antecipadamente qualquer relação de Jesus com o apocalípticismo. Por causa disso, mesmo que não somente por isso, os pesquisadores do Seminar chegaram à conclusão que compara Jesus a um mestre-cínico.

Nos parecem problemáticas certas afirmações e conclusões, como as de Crossan, que identificam, por exemplo, a categoria “o Reino de Deus” a um reino sapiencial, abstrato, ético. E, por isso, também isolado e desligado dos movimentos sociais de revolta social e armada, que numerosos aconteceram nesta época. Crossan, chega a advertir seus leitores que “não se deve estabelecer uma correlação muito estreita entre o reino e o apocalipse” (1994, 325). Desta forma não só esvasia o caráter subversivo e transformador deste conceito, como o relega no âmbito da ética individual. Contra isso poderíamos, por exemplo, perguntar sobre o significado da crucificação e morte de Jesus, que nos parecem ter uma grande relevância política (“o rei dos judeus”).

Em sua busca da definição da identidade do movimento cristão das origens, Leif Vaage concluiu que “o livro de Q se interessava principal-

mente por comportamentos e estilo de vida, e o estilo de vida proposto por Q aproxima-se muito mais dos padrões comportamentais característicos dos cínicos da tradição helênica de filosofia popular do que das descrições de profetas carismáticos” (MACK, 1994, 45). À mesma conclusão chega também Crossan (1994, p. 459), ao afirmar que se trata

*de uma prática filosófica popular, oral e campesina de algo que poderia ser chamado de um Cinismo Judaico [...]. Ele se caracterizava por uma oposição à cultura da civilização mediterrânea que não se limitava à teoria e à contestação vazia: ela envolvia uma prática, um novo estilo de vida, uma maneira de se vestir, de comer, de viver e de se relacionar com as outras pessoas.*

As afirmações destes autores se baseiam na leitura e interpretação da Fonte Q como uma coletânea de sentenças de sabedoria de Jesus. De fato, encontram-se, na Fonte Q, várias formas literárias como créias, coleções de sentenças, de parábolas, e alguns diálogos entre Jesus e seus ouvintes, de caráter sapiencial e de instrução. Isso levou Kloppenborg (1989) a afirmar que o material de Q está mais próximo, na morfologia, estrutura e construção à creia da cultura helênica que da judaica, podendo ser comparado, por exemplo, à literatura dos círculos cínicos. As sentenças, para o mesmo autor, representam talvez o estado oral mais antigo da tradição evangélica, testemunhando, através da estrutura antitética, a atitude crítica da comunidade diante da sociedade e a proposta de valores alternativos. Organizadas em forma dialógica e ligadas a uma situação concreta (a palavra grega *chreia* significa: aplicação), as sentenças ou ditos dão origem às créias, uma forma literária originária no mundo grego, onde, sobretudo nas escolas de retórica, eram usadas na formação básica de oradores e literatos. Posteriormente, as coleções de várias créias sobre uma pessoa, foram determinantes para as origens das antigas biografias. Na tradição evangélica, onde são usadas de forma extensiva, as créias representariam o processo de helenização do movimento cristão, apontando para uma sua dependência de escolas filosóficas helênicas como, por exemplo, a dos cínicos, que tinha na vizinha Gadara seu centro, no I séc. de nossa era. Afirmar isso, como faz Kloppenborg, significa colocar as origens do movimento de Jesus fora do judaísmo, num contexto helenístico, o que nos parece bastante impróprio. A sabedoria, aliás, não

se encontra somente no mundo grego, mas está fortemente presente também no contexto e na literatura judaica. Na bíblia hebraica, a sabedoria (sapiência) se expressa em formas muito diversificadas: há a sabedoria ligada à vida cotidiana e manifestada em provérbios (*mashal*) (Pro 10-30); a sabedoria teológica (Pro 8); a sabedoria natural, relativa ao conhecimento das leis naturais (Jó 28.38-41); a sabedoria mântica, da divinação e interpretação dos sonhos (Dn 4); e a “alta sabedoria”, que se obtém por revelação, incluindo revelações apocalípticas. No pós-exílio, surgiram várias figuras de sábios, verdadeiros depositários de uma sabedoria em muitos casos inacessível aos outros mortais, conseguida por revelação divina ou por visão. A sabedoria divina que é comunicada por um intermediário humano, um visionário, é a base antropológica e religiosa da apocalíptica judaica. Nos parece, e temos demonstrado isso em nossa tese de doutoramento (SCHIAVO, 2003), que a sabedoria presente na Fonte Q pode ser entendida dentro do que chamamos de “sabedoria apocalíptica”, que se caracteriza por dois movimentos: um revelativo dos mandamentos divinos e que está relacionado ao visionário; outro ético e relativo ao público a quem se dirige o conteúdo da revelação. Temos bastantes motivos para afirmar que Jesus se parece mais a um sábio visionário com uma conseqüente pregação ética, seguindo o padrão bastante comum dos sábios do judaísmo tardio, mais do que um mestre cínico no molde helenístico. Sem negar, com isso, a possibilidade que o nascente movimento de Jesus tenha tido alguma influência cínica.

#### LISTA DOS MEMBROS DO *JESUS SEMINAR*

Apresentamos, por fim, uma lista, mesmo que parcial e relativa dos membros do *Jesus Seminar*. Trata-se de uma lista bastante antiga e em contínuo movimento, devido à entrada, saída e até morte de pesquisadores. Mesmo assim, ela oferece um panorama interessante de quem participou.

Robert W. Funk, Ph.D.  
John Dominic Crossan, Ph.D.  
Andries G. van Aarde, D.D.  
Valerie A. Abrahamsen, Th. D.  
Martin L. Appelt  
Karen Armstrong

Richard L. Arthur, Th.D.  
Harold W. Attridge, Ph.D.  
Robert Bate, Ph.D.  
William Beardslee, Ph.D.  
Joseph Bessler-Northcutt, Ph. D.  
Edward F. Beutner, Ph.D.

Sterling Bjordahl, Ph.D.  
 Anthony Blasi, Ph.D., Th.D.  
 Marcus Borg, D.Phil.  
 Willi Braun, Ph.D.  
 James R. Butts, Ph.D.  
 Marvin F. Cain, Ph.D.  
 Ron Cameron, Ph.D.  
 Bruce D. Chilton, Ph.D.  
 Kathleen E. Corley, Ph.D.  
 Wendy J. Cotter C.S.J., Ph.D.  
 Don Cupitt  
 Jon Daniels, Ph.D.  
 Jean Jacques D'Aoust  
 Stevan L. Davies, Ph.D.  
 Jon F. Dechow, Ph.D.  
 Arthur J. Dewey, Th.D.  
 Joanna Dewey, Ph.D.  
 John Dillenberger, Ph.D.  
 William Doty  
 Darrell J. Doughty  
 Dennis C. Duling, Ph.D.  
 Susan M. Elliott, Ph.D.  
 Robert T. Fortna, Ph.D.  
 Robert M. Fowler  
 David Galston  
 James Goss, Ph.D.  
 Heinz Guenther, Th.D.  
 Sakari Hakkinen  
 Maurice Hamington, Ph.D.  
 Walter Harrelson, Th.D.  
 Stephen L Harris, Ph.D.  
 Charles W. Hedrick, Ph.D.  
 James D. Hester, D.Theol.  
 C.M. Kempton Hewitt, Ph.D.  
 Jack A. Hill, Ph.D.  
 Julian V. Hills, Th.D.  
 Richard Holloway, D.D., D.Litt.  
 Roy W. Hoover, Th.D.  
 Benjamin J. Hubbard  
 Michael L. Humphries, Ph.D.  
 Margaret D. Hutaff  
 Glenna S. Jackson, Ph.D.  
 Arland D. Jacobson, Ph.D.  
 Clayton N. Jefford, Th.M, Ph.D.  
 Gregory C. Jenks, Ph.D.  
 Bob Jones  
 F. Stanley Jones, D.Theol, Ph.D.  
 Larry Kalajainen, Ph.D.  
 Perry Kea, Ph.D.  
 John C. Kelly  
 William Doane Kelly, Ph.D.  
 Chan-Hie Kim, Ph.D.  
 Karen L. King, Ph.D.  
 John S. Kloppenborg, Ph.D.  
 Ron Large  
 Paul Alan Laughlin, Ph.D.  
 Nigel Leaves, Ph.D.  
 Davidson Loehr, Ph.D.  
 Sanford Lowe, D.Min, D.D.  
 John Lown, Ph.D.  
 Gerd Luedemann, D.Theol., D. Habil.  
 Dennis R. MacDonald, Ph.D.  
 Burton L. Mack, Ph.D.  
 Loren Mack-Fisher, Ph.D.  
 Francis Macnab  
 Brian Rice McCarthy  
 Lane C. McCaughy, Ph.D.  
 Edward J. McMahan II, Ph.D.  
 Daniel Marguerat  
 Marvin W. Meyer, Ph.D.  
 Darren Middleton  
 J. Ramsey Michaels, Th.M., Ph.D.  
 William R. Millar  
 L. Bruce Miller, Ph.D.  
 Robert J. Miller, Ph.D.  
 Robert L'H Miller, Th.D.  
 Milton Moreland  
 Winsome Munro, Ed.D.  
 Culver H. Nelson, D.D., D.D.  
 Rob Parrott, Ph.D.  
 Stephen J. Patterson, Ph.D.  
 Richard I. Pervo, Th.D.

Robert M. Price  
Anne Primavesi, D.Phil.  
Howard Rice  
Vernon K. Robbins, Ph.D.  
James M. Robinson, D.Theol, Ph.D.  
John J. Rousseau, Ph.D., D.Rel.  
Stan Rummel  
Marianne Sawicki, Ph.D.  
Daryl D. Schmidt, Ph.D.  
Oswald Schrag  
Bernard Brandon Scott, Ph.D.  
Andrew D. Scrimgeour  
Philip Sellew, Th.D.  
Chris Shea, Ph.D.  
Thomas Sheehan, Ph.D.  
Lou H. Silberman, D.H.L.  
Dennis Smith, Th.D.  
Mahlon H. Smith, M.S.L.  
Graydon Snyder  
John Shelby Spong, D.D.  
John Staten  
Michael G. Steinhauser, Th.D.

Robert F. Stoops, Jr., Ph.D.  
Johann Strijdom, D.Litt., et Phil.  
Jon Sveinbjornsson  
Jarmo Tarkki, Ph.D.  
W. Barnes Tatum, Ph.D.  
Hal Taussig, Ph.D.  
Barbara Thiering, Ph.D.  
Joseph B. Tyson, Ph.D.  
Leif E. Vaage, Ph.D.  
James Veitch, Ph.D., Th.D.  
Paul Verhoeven, Ph.D.(mathematics)  
Wesley Hiram Wachob, Ph.D.  
William O. Walker, Jr., Ph.D.  
Donna Wallace, Ph.D.  
Robert L. Webb, Ph.D.  
Theodore J. Weeden, Sr., Ph.D.  
James E. West, Th.D.  
John L. White, Ph.D.  
John L. White, B.D.  
L. Michael White  
Walter Wink, Th.D.  
Sara C. Winter., Ph.D.

## Notas

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.westarinstitute.org/Westar/westar.html>>.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Jesus\\_Seminar](http://en.wikipedia.org/wiki/Jesus_Seminar).

<sup>3</sup> Entre parêntese a porcentagem dos votos recebidos no Seminário através do sistema das bolinhas coloridas.

<sup>4</sup> ET é a sigla para Evangelho de Tomé.

<sup>5</sup> Outras publicações de Crossan em português são: *Jesus – Uma biografia revolucionária* (Rio de Janeiro: Imago, ISBN: 8531204240); *Quem matou Jesus?* (Rio de Janeiro: Imago, ISBN: 8531204445); *O nascimento do Cristianismo* (São Paulo: Paulinas, 2004, ISBN: 8535613315); *O essencial de Jesus: os ditos originais e as imagens mais antigas* (São Paulo: Ed. Best-Seller, 1994).

<sup>6</sup> Kloppenborg (1989). Importante é também Kloppenborg (1988).

<sup>7</sup> Cf. Vaage (1992; 1995).

## Referências

- BURTON, Mac. *O evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CROSSAN, J. D. *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994
- DUNN, James D.G. *A new perspective on Jesus: What the Quest for the Historical Jesus Missed*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.
- KLOPPENBORG, John. *A parallels: synopsis, critical notes & concordance*. Sonoma; California: Polebridge Press, 1988.
- KLOPPENBORG, John. *The Formation of Q: trajectories in ancient wisdom collections*. Philadelphia: Fortress Press, 1989.
- MACK, Burton. *O Evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- ROBINSON, James M.; HOFFMANN, Paul; KLOPPENBORG, John S. (Ed.). *The Critical Edition of Q: Synopsis including the Gospels of Matthew and Luke, Mark and Thomas with English, German and French Translations of Q and Thomas*. Leuven: Peeters, 2000.
- SCHIAVO, Luigi. *A batalha escatológica na fonte dos Ditos de Jesus: a derrota de Satanás na narrativa da tentação (Q 4,1-13)* – Umesp, São Bernado do Campo, 2003.
- SCHIAVO, Luigi. *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- VAAAGE, Leif. *The ethos and ethic of an Itinerant Intelligence*. Tese (Doutorado) – Claremont Graduate School, Claremont, CA, 1987.
- VAAAGE, Leif. *Amai vossos inimigos, e outras estratégias de resistências*. *Ribla*, n. 9, p. 159-172, 1991-1992.
- VAAAGE, Leif. *Galilean Upstarts: Jesus's followers according to Q*. Valley Forge, Pennsilvânia: Trinity Press International, 1994.
- VAAAGE, Leif. *Asceticism and the new testament*. Paperback: Routledge, 1994.

VAAGE, Leif. O cristianismo Galileu e o evangelho radical de Q. *Ribla*, n. 22, p. 84-108, 1995.

*Abstract: on the context of the third quest of the Historical Jesus, the Jesus Seminar is a researchers' movement, born in the '80s in the United States of America, whose aim was to verify the level of authenticity of the sayings and of the acts of the Historical Jesus and, finally, of Jesus's tradition. In this study we are presenting the method, the main conclusions and some critical points about the Jesus Seminar.*

*Keywords: Historical Jesus, Jesus's Movement, literature, society, history*

Recebido em 05 de março de 2010.

Aceito em 29 de maio de 2010.

LUIGI SCHIAVO

Doutor em Ciências da Religião. Professor no Instituto de Ciências Religiosas de Vicenza, Itália.